

Capacitação é arma contra desemprego

Walter Barelli *

Quando analisamos as grandes carências de nossa população, vemos que muitas delas decorrem de omissões ocorridas há várias décadas. É o que se passa no mundo do trabalho: o analfabetismo ou a baixa escolaridade de nossa população economicamente ativa têm como causa o descaso que a edu-

cação básica sofreu neste país. Se comparamos a escolaridade do trabalhador brasileiro com a dos

Uma realidade para a qual o Brasil está cada vez mais atento

nossos concorrentes, verificamos que ela é uma das mais baixas do mundo.

Quando estudamos o que vem acontecendo com os países emergentes, principalmente os asiáticos, constatamos que sua proposta de desenvolvimento começa com crescentes investimentos em educação. São estabelecidas metas

para que a população possa atingir progressivamente níveis cada vez mais altos de escolaridade e os governos as encaram como tarefa impostergável. Uma vez alcançado um nível, novo desafio é proposto e assim esses povos podem se orgulhar de ser todos alfabetizados; depois, de todos terem educação básica; em seguida, de terem a maioria da população com

formação secundária; hoje, de terem parte grande da população nos centros universitários e, logo, se orgulharão dos seus prêmios Nobel.

O Brasil está acordando para essa realidade. Os governos federal e o paulista estão investindo na área. No entanto, os planejadores sabem que investimentos em educação costumam demorar 15 anos para maturar. Ou seja, o que estamos plantando hoje apresentará resultados

econômicos no ano de 2012. Não será possível cortar caminho, apressar o passo?

A Secretaria do Emprego e Relações do Trabalho ousa enfrentar esses desa-

fios. O programa de qualificação e requalificação profissional, com os recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT), conseguiu treinar cerca de 137 mil desempregados, nos últimos três meses de 1996. Este ano estamos nos propondo treinar 400 mil, em todo o estado. A avaliação do ano passado, feita por oito de nossas melhores universidades, congregadas na Fundação Unitrabalho, mostra resultados positivos. Periodicamente, verificamos o impacto desses cursos no emprego e na melhoria profis-



sional dos treinandos. É uma forma de queimar etapas. Para os abrangidos por esse programa, 2012 chegará antes.

O outro programa da Secretaria – o Programa

de Auto-Emprego (PAE) – se dedica também à capacitação maciça. Os povos latinos, em especial os ibéricos, costumam ser acusados de menos afeitos aos empreendimentos individuais, em contraposição ao que acontece com os anglo-saxões, os árabes e os judeus. Não acredito em determinismo, mas sabemos que tivemos uma formação que não valorizou a iniciativa e, principalmente, a ação empresarial. É preciso, então, queimar etapas também nesse campo.

O PAE busca resgatar a

capacidade empreendedora na população mais pobre. Através de metodologia desenvolvida pelas Nações Unidas (FAO), pessoas de áreas carentes são rapidamente introduzidas no campo da iniciativa de novos negócios. Não é um exercício poético. A partir de noções básicas de administração, de potencial de mercado, de custos e investimentos, são instados a preparar projetos de pequenos empreendimentos.

O primeiro grupo treinado – 31 técnicos de Desenvolvimento Econômico e 496 auxiliares de projetos e investimentos – construiu mais de 400 perfis de investimento – com custos, oportunidades e necessidades – para a região de Francisco Morato, Caieiras e Franco da Rocha, além de bairros da capital lindeiros a esses municípios. Em pouco mais

de dois meses, foi possível desenvolver a capacidade empreendedora entre desempregados. A próxima etapa é levarmos esse programa para todos os municípios do Vale do Ribeira e, em seguida, para o Pontal do Paranapanema.

A meta é recuperar o atraso. Com um bom programa educacional, a nova geração que chegar ao mercado de trabalho esta-

Programa educacional prepara os jovens para o mercado de trabalho

rá adequadamente preparada. Aquela parcela da população economicamente ativa que não teve oportuni-

dades passa hoje a ser objeto de uma política que pretende, rapidamente, aumentar sua empregabilidade. É a nossa maneira de aplicar à situação paulista aquilo que aprendemos com os povos asiáticos. ■

* Economista, secretário do Emprego e Relações do Trabalho de São Paulo.